

Economia do lazer noturno e as práticas sócio-espaciais juvenis em cidades médias.

RAMOS, ÉLVIS; Doutorando em Geografia; Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Bolsista FAPESP
solelvis@gmail.com.br

Resumo

Busca-se compreender as mudanças nas centralidades de diversão noturna em duas cidades médias, relacionadas com a mudança de seu padrão locacional e a diversidade de serviços e produtos inerentes a economia do lazer noturno nas últimas décadas, também destaca as práticas sócio-espaciais dos jovens, em paralelo a estas transformações. Por último, tenta detectar as tendências que parecem se anunciar no âmbito destas práticas e mudanças espaciais.

Palavras-chave: Cidades médias. Práticas sócio-espaciais. Economia do Lazer Noturno.

Night-time leisure economy and socio-spatial practices of young people in médium sized cities

Abstract

The goal of the work, seeks to understand the changes in the nightlife centrality in two medium-sized cities, related to changes in its locational pattern, diversity of services and products inherent in the evening leisure economy in the last decades, also highlights the social-spatial practices of young people, in parallel to these changes. At last, tries to detect trends that seem to announce within these practices and spatial changes.

Keywords: *Medium-sized cities. Social-spatial practices. Night-time leisure economy.*

Economía del ocio nocturno y prácticas socio-espaciales juveniles en las ciudades medias

Resumen

El objetivo de este trabajo, es entender los cambios en la centralidad vida nocturna en dos ciudades media, en relación con el cambio de su modelo de localización y la diversidad de servicios y productos propios de la economía de ocio por la noche en las últimas décadas, también destaca las prácticas territoriales juveniles, de forma



São Paulo, 21 a 24 de Março de 2016

paralela a estos cambios. Por último, trata de detectar las tendencias que parecen anunciar dentro de estas prácticas y cambios espaciales.

Palabras clave: *Ciudades medias, Prácticas socio-espaciales, Economía del ocio nocturno*

Introdução

Buscamos traçar alguns resultados e descrições sobre a espacialidade do lazer noturno nas cidades médias de Bauru e Marília. São alguns elementos, que achamos importantes na compreensão de processos e recontextualizações espaciais da economia do lazer noturno nestas cidades, além das sociabilidades e panorama sociocultural da juventude em relação a noturnidade do lazer nas últimas décadas.

A estruturação deste trabalho ocorre a partir de um eixo de sucessão, que valoriza os contextos espaciais e formas de sociabilidades, identificados e descritos numa linha temporal que começa nos anos de 1970. Contudo, se de um lado as ações e estruturações que constituem formas espaciais adquirem uma sucessividade temporal na cidade, há por outro lado, a possibilidade da identificação das permanências e rupturas, ou seja, as continuidades e descontinuidades que alude Lefebvre (2001 [1968]) na produção do espaço urbano. Portanto, ao mesmo tempo que é possível encontrar uma constante acumulação de estruturas e formas no espaço urbano, também se concebe rupturas e transformações nos processos e dinâmicas que dão forma a cidade.

A concepção de **consumo**, que nos orienta inicialmente neste trabalho, parte da crítica de Canclini (2006), quanto a ideia de consumo, tomado apenas como realização de gastos por si mesmos, ou derivado de impulsos irracionais. Segundo o autor, é preciso ir além, tentando identificar o consumo como uma racionalidade política, econômica e psicológica, que faz parte da vida social, abrangendo o espaço da cidadania e das questões de identidade. Por este viés, pensamos as práticas de consumo como parte inerente das relações microscópicas no nível do cotidiano, como também uma força mercadológica, que se lança neste mesmo cotidiano, isto é, forças econômicas e empresariais que por meio de diferentes estratégias racionais estabelecem padrões de consumo e lógicas espaciais, não raro, impondo-se de forma massiva e excludente nos espaços de sociabilidade. Obviamente que dentro de uma sociedade estratificada em profundos desníveis de renda e acesso a bens e serviços, estas estratégias acabam configurando-se em práticas de consumo que podem se desdobrar em outros elementos de diferenciação, com efeito espacial, como na fruição do lazer em espaços de consumo.

Um outro elemento importante, é o conceito de **economia de lazer noturno**, que trazemos, a partir de Shaw (2010) que analisa o caso da Inglaterra, ao tratar a maneira como os elementos de consumo, vida noturna e impactos vem sendo concebida. Esse conceito recebeu diferentes focos de análise, por exemplo, sociólogos e geógrafos nos anos de 1990 se concentravam sobre impactos da economia noturna, no que tange as questões como a violência, saúde, danos aos centros da cidade, centralização do poder por parte de grandes empresas e cadeias de *pub*. Problemas e distorções que foram relacionados à uma política neoliberal, baseada numa desregulação crescente, favorecendo os agentes privados, em detrimento de uma política de conciliação com os interesses sociais. Porém, Shaw (2010) também destaca outros aspectos da economia da noite, que se orientam para o enfoque das subjetividades, que emergem dos aspectos culturais. A força da materialidade e das inovações arquitetônicas e funcionais que alteram o imaginário

espacial e o plano das sociabilidades, recriando além da centralidade material, também uma centralidade simbólica.

Buscamos vincular a economia do lazer noturno, ao aspecto comercial e econômico, relacionado os bares, *clubs*, restaurantes, festas, assim como, os impactos desses agentes junto as transformações da cidade. Também em sentido complementar, haverá um esforço para não se ignorar o aspecto simbólico, considerando que houve *points* de intensa frequência de jovens e, que tiveram uma importância na sociabilidade noturna.

Método

As cidades médias analisadas e comparadas dizem respeito à Bauru e Marília, ambas localizadas no interior do Estado de São Paulo. Para produzir informação para este estudo, foram feitas entrevistas semiestruturadas com cidadãos que vivenciaram o lazer noturno na época de juventude, procurando cobrir diferentes gerações, desde os anos de 1970. Além de observações de campo, deve-se ressaltar o trabalho etnográfico, ou seja, informações produzidas a partir das interfaces da internet e mídias sociais, como das redes sociais virtuais, blogs e canais de vídeos. Um grande conjunto de informações sobre festas, espaços de diversão, grupos, além da memória de eventos festivos do passado e do tempo atual, espalhados em torno de grupos e postagens nestas mídias.

Porém, este estudo não tem a intenção de contar uma história da diversão noturna, com todas as suas cenas, personagens, fatos e histórias, como um autêntico trabalho historiográfico. Outrossim, preocupamo-nos, a partir das informações elaboradas, obter uma noção clara das alterações nas áreas de diversão noturna nestas cidades, ou seja, os fluxos, as ofertas de consumo, o conteúdo cultural e comercial, assim como a natureza das sociabilidades e práticas sócio-espaciais ao longo das últimas décadas.

Como fazemos um estudo em duas cidades, obviamente que as diferenças entre os lugares, assim como as semelhanças, precisam ser ponderadas. Há um jogo de apreender as distinções que se destacam no plano das particularidades e universalidades no estudo comparativo, e isso precisa ser enfrentado. A solução que temos encontrado, foi optar pelo desafio de uma descrição que ao mesmo tempo que foca na paisagem noturna, também busca as articulações da sua composição, ou seja, com atenção para as particularidades e suas ligações mais amplas. Porém tentando recompô-las, aproximando um diálogo entre as partes, para que seja possível transmitir ao leitor que as variações e particularidades encontradas, podem ajudar a descobrir continuidades e descontinuidades no fenômeno do consumo e sociabilidade do lazer noturno em cidades médias.

1 O consumo e a diversão noturna a partir de 1970

Bauru e Marília (Figura 1) são cidades que tiveram sua origem no contexto da expansão cafeeira no interior paulista, nas primeiras décadas do século XX, processo que foi acelerado com a chegada das ferrovias. O que eram núcleos de povoamento foram se tornando cidades importantes, na articulação do comércio e abastecimento com cidades próximas.

No geral, as duas cidades tiveram vários ciclos econômicos, relacionados a indústrias de beneficiamentos de produtos agrícolas, ainda que fossem ciclos flutuantes de crescimento e declínio, não deixaram de expandir seu tecido urbano e concentrar, ao longo das décadas, funções comerciais e de serviços (públicos e privados), em relação à rede urbana regional. O comércio, serviços e atividades administrativas foram se concentrando numa só área de cada cidade. É para estes espaços que a vida social da cidade converge e, ao mesmo, diverge, pois, se de um lado, aí se encontra o *core* comercial da cidade e sua atratividade econômica numa escala regional, também é aí que se tornam visíveis os primeiros movimentos de expansão para novos eixos comerciais adjacentes. E partir destes processos que os centros comerciais de Bauru e Marília foram se definindo e se incrementando ao longo das décadas, até chegar nos anos de 1970, a partir de quando focamos nossa atenção para o aspecto da diversão e consumo na noite.

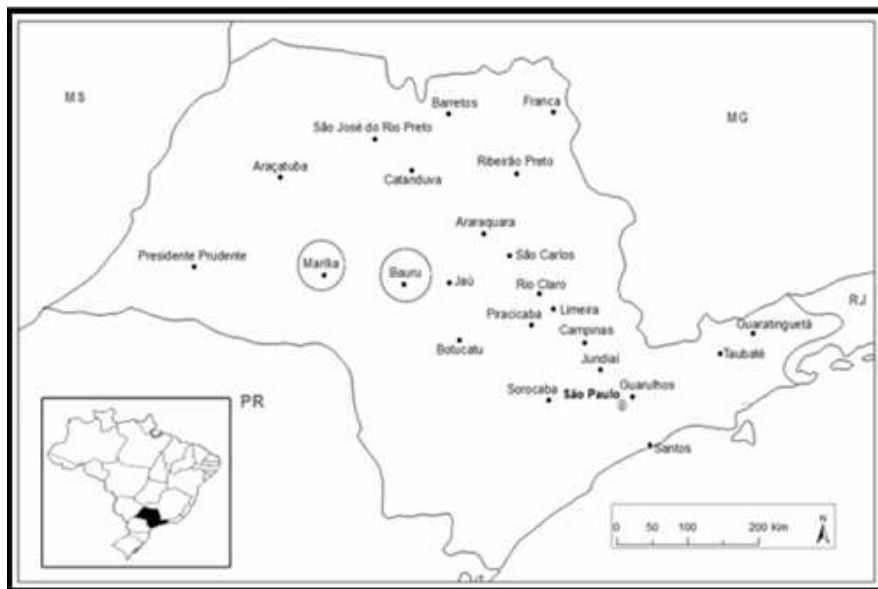


Figura 1: Localização das cidades de Bauru e Marília

Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo (2014)

Na década de 1970, Bauru e Marília contavam, respectivamente, com aproximados 130 mil e 98 mil habitantes. As formas urbanas de ambas as cidades apresentavam ainda fortes características monocêntricas, mas com uma inicial dispersão urbana. Os centros comerciais de ambas as cidades se destacavam pela

concentração dos equipamentos urbanos ligados ao consumo de serviços e bens variados, que iam de serviços bancários até a venda de produtos agropecuários, assim como atividades de lazer durante o dia, como na noite.

Em Marília e também, similarmente, em Bauru, em torno do final dos anos de 1970, o lazer durante o dia se restringia as atividades como: frequentar as salas de cinema, sorveterias e frequentar as praças centrais. Durante a semana, o centro apresenta uma vida comercial e produtiva forte durante o dia. E a noite, prosseguia o funcionamento de alguns bares, sorveterias e cafés. Tornava-se assim, um espaço de oportunidades de consumo e da ociosidade, mas ao mesmo tempo, exigindo maiores investimentos.

Quanto à vida noturna, pode-se dizer que os jovens da classe média da cidade tinham uma oferta restrita de espaços de lazer. O que não quer dizer que era uma cena pobre em divertimento. Os bailes e festas aconteciam com certa frequência, mas também eram atividades de lazer igualmente frequentada por adultos. Já para os mais boêmios, assim como, aos que eram dados às pândegas e a vida profissional notívaga, a noite poderia se estender um pouco mais, onde os jogos da noite incluíam prazeres bem mais sensuais e libidinosos, especificamente em espaços mais opacos do próprio centro e nas ruas um pouco mais distantes. Contudo, para os jovens da periferia, a frequência ao centro era episódica e quase sempre não se compartilhava os mesmos espaços de lazer com os jovens da classe média, excetuando-se as salas de cinema, que favorecia as vezes essa experiência em comum.

Nos anos de 1970, nessas cidades e nas suas periferias, eram difundidas as músicas da “jovem guarda” e do “movimento tropicalista”, projetava-se nos cinemas os filmes da indústria cultural estadunidense. Uma cultura de massa interclasses (Morin, 1984) que atingia não apenas os jovens da periferia, mas outros jovens nas diversas estratificações e classes sociais. Não somente havia uma aterrissagem dessa cultura no local, como também os jovens traduziam valores, estéticas e comportamento para o âmbito da sua sociabilidade, uma relação de identificação-projeção, identificando-se com símbolos e artefatos produzidos por jovens de outros centros urbanos.

Os cinemas se destacam por serem os principais espaços de consumo na noite e, ao mesmo tempo, espaços de sociabilidade, tanto juvenil como adulta. Em Marília, existia até esse período em torno de dez salas de cinemas, destacando, o cine Marília e o Cine Peduti. Em Bauru também era grande o número de salas de cinema, com destaque para o “Cine Capri” e o “Vila Rica”. O consumo de bebidas (guaranás e tubaínas) e alimentos entre os jovens, vinham geralmente da produção local e regional. O consumo de bebidas alcoólicas não era comum entre os jovens.

Em termos de eventos e festas, os clubes poliesportivos se destacavam como espaços privilegiados de consumo, com recursos para trazer bandas e cantores do circuito nacional, para deleite dos seus associados e daqueles com poder aquisitivo para frequentar os bailes e festas em suas dependências. Estes clubes estavam

localizados, em sua maioria, nas áreas próximas ao centro tradicional e não deixavam de constituir espaços privados das elites de maior poder econômico e posição social. Cidadãos da periferia e mesmo os jovens e adultos da área central com menor poder aquisitivo poucas vezes tinham acesso aos privilégios culturais e recreativos disponibilizados por estes clubes. Já aproveitamento dos espaços públicos para o lazer noturno, constituía visitar a Avenida Sampaio em Marília, como ir na Praça Rui Barbosa no centro principal em Bauru. Para os jovens, era um momento de aproximações interpessoais e aproveitar o tempo livre com um conteúdo lúdico. Os investimentos na economia de lazer noturno, quanto a oferta de produtos culturais e de consumo estavam nas mãos de empresários e clubes locais.

Aos poucos foram surgindo outros núcleos de lazer noturno. Alguns bares se tornaram emblemáticos no começo dos anos de 1970. Como o “Bar Karango”, em Marília. Local que exercia forte atração de jovens, tanto da cidade, como em cidades próximas, uma microcentralidade importante na dinâmica da vida noturna. Bares como estes, possibilitavam o consumo de bebidas e lanches, mas também um espaço de encontro integralmente frequentado por jovens. Uma ambiência com grupos musicais que reproduziam o que era tocado nas rádios da época. Em outro sentido, *points* juvenis, sem a vigilância de adultos e autoridades, pela qual, podiam conversar abertamente e ao mesmo tempo combinar outros jogos noturnos.

No final dos anos de 1970, pode-se acompanhar um processo de desconcentração das áreas de lazer noturno, que não deixa de acompanhar também a desconcentração de investimentos e empreendimentos imobiliários, tanto residenciais como comerciais, fora do centro tradicional da cidade. Há, com isso, uma ampliação da área central, e claro, uma expansão comercial e, conseqüentemente, dos espaços de consumo na cidade. Esta dispersão inicial, no caso da cidade de Bauru, decorreu do afluxo migratório e do surgimento de núcleos habitacionais (CONTEL, 2001), sendo que a maior parte deles veio a compor as novas periferias da cidade. Em Marília ocorre o mesmo efeito, uma dispersão urbana que ocorre por empreendimento públicos e privados que se afastam da mancha urbana central da cidade.

Em Marília passa a se desenvolver uma cena noturna mais diversificada, em termos de afluência de grupos de jovens. Agora com a presença de universitários, que passam a compor esse cenário, depois da criação da Faculdade de Medicina e Enfermagem na cidade. As casas noturnas, bares e pizzarias de maior sofisticação e badalação começam a se fixar na Avenida Rio Branco. É ali que os jovens se tornarão mais presentes na noite e onde os passeios e *points* noturnos de lazer vão se concentrar. Além disso, vai se formando no final dos anos de 1970, um núcleo de lazer noturno no centro-leste da cidade e que hoje ainda se mantém, em torno do “Bar Chaplin”.

Em Bauru, a década de 1970 seguiu um dinamismo da diversão noturna muito parecido com aquele da cidade de Marília. Há ainda a presença dos clubes poliesportivos e recreativos, que promovem shows e espetáculos na noite, e os

cinemas que continuam a atrair grande número de espectadores. Contudo, a cidade passa a ter um perfil de cidade universitária, com ampliação de cursos oferecidos por grandes universidades estaduais, como a USP e UNESP. Além destas, outras universidades de origem local passam a atrair grande número de jovens de outras cidades, que vão morar em casas alugadas, transformadas em “repúblicas”. Esse fluxo gera abertura de bares, motéis e casas noturnas, para atender essa nova demanda em crescimento na cidade. Nesse período, surge o “Ciente”, bar e clube famoso na cidade de Bauru, construído e mantido por jovens universitários e jovens da elite local. Deve-se destacar esse bar como um precursor das “noitadas” na cidade, já que funcionava até altas horas da madrugada. A dispersão do lazer para fora do *core* comercial de Bauru ainda não estava tão nítida.

É importante destacar que o centro principal e como espaço para o lazer noturno, ainda gozava de uma aura de prestígio, como um lugar de encontro, onde diferentes segmentos sociais se cruzavam. Mesmo que não frequentassem os mesmos ambientes. Havia, já naquele tempo, a preocupação com a ostentação e a visibilidade em colunas sociais. De forma semelhante em Marília, neste período, os bares de esquinas, restaurantes, casas noturnas faziam parte de uma mesma ambiência, onde os jovens, sobretudo de classe média e alta, circulavam nos mesmos espaços de lazer noturno.

2 O início da diversificação da economia da noite e da diversão

A desconcentração da diversão noturna em Bauru vai começar a ocorrer no final da década de 1970, principalmente para o eixo da Avenida Nações Unidas que, embora não fosse um eixo comercial durante o dia, passou a concentrar restaurantes que funcionam a noite, tornando-se uma opção para o consumo. Esta avenida ficará conhecida justamente pela sua centralidade em termos de promoção de lazer noturno e dominical nesta cidade. Nos anos de 1990, a Avenida Nações Unidas ampliaria suas funções com equipamentos comerciais e bancários. Nos dias atuais, as opções de restaurantes são variadas, sendo ali onde se instalou a primeira loja de uma cadeia internacional de *fast-food* na cidade. As ruas largas da avenida favoreciam, desde o início, a circulação e o passeio de carros, para os que tinham esse meio de transporte. Também as amplas áreas do canteiro central favoreceram a promoção de eventos. Inclusive a mudança dos desfiles públicos de carnaval do centro da cidade para esta avenida, nos anos de 1980, confirmaria a marcha da diversão noturna do centro principal para a Zona Sul de Bauru.

Muitos jovens da periferia, como de outros segmentos sociais que frequentavam o centro tradicional, passaram a também a frequentar a Avenida Nações Unidas para um fim de semana motorizado, ali se instalava o “Lelo’s” uma lanchonete pioneira, lá reunindo-se casais de namorados e grupos de amigos, geralmente frequentando de carros, que se divertiam tomando “drinks e batidinhas”

e vendo outros carros passarem pela avenida, reconhecendo amigos e tornando-se visíveis para outros jovens, exercendo, por assim dizer, relações de ostentação.

Neste período de transição e começo dos anos de 1980, já se percebe que além de novos espaços de lazer juvenil estarem se diversificando nestas cidades, vai se formando uma segmentação e territorialidade juvenil mais diversificada. Assim é possível distinguir os frequentadores de *clubs*, roqueiros e outros. É o momento principal dos microespaços das discotecas, onde os jovens encontram a oportunidades de experimentar múltiplas experiências sensoriais e dançantes. Em Marília algumas discotecas se destacaram neste período, como a “Mamuth”, “The Zoo” e a casa noturna “Dancing Ways”, todas se inspirando em nomes e decorações das discotecas dos grandes centros urbanos.

Neste período, tornou-se mais profundo aquilo que Lefebvre (1991) chamou de divorciamento entre significantes e significados, pois, nestas cidades as formas comerciais, instalações, publicidade, fachadas e conteúdo dos espaços de diversão noturna tinham referências estéticas em outras cidades onde se gestava e também de onde se irradiava as novidades, relacionado a cultura de massa e indústria do lazer que já ganhava amplitude planetária.

Por volta de 1980, em Bauru, a lógica de expansão comercial seguiu a direção das oportunidades imobiliárias para Zona Sul da cidade, com as melhorias nos eixos comerciais dessa região. A valorização do solo cresceu exponencialmente nesta década. Outra vantagem se dava pelo próprio limite de crescimento do centro principal, já se tornando crônico a falta de espaços para novos estabelecimentos comerciais e o crescente congestionamento de automóveis, além do aumento demográfico, que impunha mais ofertas de prestação de serviços e bens. O que determinou a valorização de outras áreas do entorno do centro comercial tradicional.

Em 1980, a população de Bauru girava em torno de 186 mil habitantes e Marília de 121 mil habitantes. Nessa década, já estão consolidados os movimentos de dispersão urbana, tanto de bairros periféricos, como das áreas comerciais destas cidades. Os centros tradicionais destas cidades passaram a coexistir com subcentros comerciais em outras áreas, sobretudo, na periferia. Além disso, há uma pressão por novos espaços comerciais, em face do estabelecimento de novos empreendimentos terciários, relacionados às cadeias de lojas de bens de consumo duráveis e não-duráveis, que encontraram nestas cidades oportunidades para sua expansão.

Decorre a irradiação de novos contextos espaciais de comércio e serviços, paralelo ao centro tradicional, ou seja, novos eixos e núcleos terciários começam a se desenvolver e a projetar uma maior complexidade quanto aos nós de fluxos e fixos no tecido urbano de ambas as cidades. Isso vai refletir na geografia da noite, com mais variedade de bares, restaurantes, casas de noturnas e, conseqüentemente, aumentando as conexões com as tendências culturais transterritoriais.

O panorama cultural na década de 1980 tem uma significativa descontinuidade, passa a ser significativo a densidade maior de estabelecimentos que oferecem serviços e produtos na noite, em termos de lazer. Mais casas noturnas, para dança e shows na cidade, com a vinda de artistas de projeção nacional. É o período que os empresários da noite começam a investir mais na promoção de suas atrações e serviços. E a noite consolida-se como um circuito de lazer e negócios.

Também é o momento que os jovens da periferia passam a ter mais presença nas áreas centrais, frequentando as discotecas nestas áreas, graças a maior disponibilidade do uso do transporte coletivo. A intensificação deste tipo de transporte teve um papel crucial na transposição de escalas na cidade e na visibilidade destes grupos neste período. O transporte coletivo tornou-se um instrumento que possibilitava constituir novas territorialidades, articular com mais facilidade mais espaços para diversão, ir em outros bairros, experimentar outras ambiências e influências culturais. As barreiras espaciais, podiam ser pensadas em sua subversão, a partir, das escalas produzidas por agente sociais e grupos que até então tinham pouca frequência na área central. Rasurando de certa maneira as hierarquias escalares e sociais na qual estavam confinados. Todavia, também configurando novos choques, ajustes e formas de visibilidade que vão fazer parte da reescrita da cidade.

A partir dessa avalanche de jovens das periferias na cidade, em função do poder de maior deslocamento e acessibilidade, é que veio a favorecer o surgimento no centro tradicional de mais locais de festa, dança, barracas de lanche, carrinhos de cachorros quentes, entre outros serviços e produtos. Esse fluxo caracterizou a sobrevida em termos de vida noturna nestes centros tradicionais, apesar de outros bares e restaurantes mais elitizados estarem compondo outros núcleos de lazer nestas cidades como anteriormente exposto. Estes centros tradicionais foram se tornando territórios dos jovens da periferia em termos de apropriação para lazer, interações e lugar de conexões exteriores. Ali se dava a reunião de amigos em torno de bares com jogos de fliperama, encontro das turmas, espaço onde também resolviam as diferenças, e claro onde as casas noturnas de perfil mais popular estavam instaladas. Nos primeiros anos de 1980 é forte a influência nestas cidades da *disco music*, *black music*, de artistas da cultura pop. Ganha importância na cidade, as rádios FM, com uma programação com muitas referências as músicas internacionais, mensagens e até mesmo programas com interação dos jovens.

Apesar dos novos espaços de lazer juvenil estarem se diversificando na cidade, se perpetuava a continuidade de uma territorialidade juvenil que ainda se distingue em classes e modos de interação. Os jovens da classe média e da periferia pobre não se territorializavam sempre no mesmo lugar. Estas diferentes territorialidades e segmentações na noite, foi apontada por Margulis (1997) quando destaca que é na noite que se revela de forma mais nítida os contrastes e diferenciações sociais na sociedade. Na geografia da noite e do lazer noturno, o dinheiro, a roupa, os códigos podem ser garantias de escolha ou as vezes sinais de

restrição a este ou aquele lugar. A vida noturna destas cidades não estavam foram destas distinções.

Em Bauru, o “Clube dos Bancários” e a discoteca “Flashdance”, entre outras discotecas no centro principal, eram nos anos de 1980 os espaços de encontro e dança mais badalados para os jovens dos bairros populares, os finais de semana, eram os momentos de encontro com as turmas. Porém, cabe aqui uma descrição mais detalhada, pois apesar destas duas casas também serem frequentadas por públicos jovens oriundas de famílias pobres e da periferia, eram espaços que tornavam visíveis outras distinções e matizes, constitutivas de clivagens socioeconômica e de perfil cultural na própria periferia. Por exemplo, os jovens pobres que frequentavam o clube dos Bancários, eram aqueles que podiam consumir mais e também um estilo de vida relacionado a uma condição de renda ligeira ou moderadamente maior. Por sua vez, os jovens que frequentavam o “Flashdance” eram vistos mais como a ralé, e a maior parte dos frequentadores eram predominantes negros. O relato a seguir permite entender um pouco essa situação que tentamos descrever:

Pesquisador: Tinha ostentação? - (...) No Bancários, sim. A gente que ia, sabia que era mais chique, a gente tentava se arrumar melhor para poder aparecer lá. Mas no Flashdance não tinha disso não. Eu tentava ir o mais simples possível, porque sabia que se você se arrumasse toda ia ter, tipo assim, uma piadinha, sabe...porque a maioria era bem simples.

Para os jovens de maior condição econômica, ou mesmo jovens pobres que eventualmente tinham meios para investir um pouco, existiam outros espaços, como no “Bauru Tênis Clube”, “Boate Universitários” e “Scaramouche Ambiente”. Nesse período, em relação a esse gênero de ambiente de lazer noturno, mais exclusivo, deve-se destacar o “Camarim, cujo ambiente interno era frequentado por jovens dispostos a gastar com bebidas e dançar geralmente usando roupas mais sofisticadas, tanto esta casa como as vezes outras, impediam de entrar de calça jeans ou tênis.

O circuito juvenil noturno no período final dos anos de 1980 em Marília tornara-se também mais amplo e diversificado, englobando a Avenida Rio Branco, Avenidas das Esmeraldas, Praça São Bento, entorno do Bar Chaplin e começo da Avenida da Saudade. Esta última territorializada por grande quantidade de jovens universitários, oriundos da região oeste da cidade onde passou a se instalar o campus da UNESP e universidades privadas.

Já no final dos anos de 1980, vai delineando-se uma maior diversidade de culturas urbanas juvenis nestas cidades, pode-se distinguir uma variedade de festas noturnas, shows, encontros e casas noturnas. Em termos de arranjo espacial, percebe-se uma desconcentração de boates, bares e outros tipos de ambientes de

lazer noturno em relação à área central, embora ainda gravitem em torno destes centros tradicionais, já se torna nítido, uma maior diversidade de espaços e ambiências para os jovens em termos de lazer noturno. E uma conexão transterritorial maior com outros centros urbanos e de vanguarda estética e cultural, em comparação com o começo dos anos de 1970.

3 A virada na diversão noturna das paisagens de lazer noturno em Bauru e Marília

Nestas últimas décadas do século XX, são percebidos um ritmo maior de crescimento demográfico nas cidades do porte médio no interior do Estado de São Paulo e sob um processo amplo, de reestruturação produtiva, além de um espraiamento da produção industrial das metrópoles para o interior (SPOSITO, 2007). Este aumento demográfico e a absorção dos impactos de uma dispersão produtiva foi desaguando no aumento da capacidade de consumo destas cidades, entre as várias consequências destes processos, nos parece que pode ser incluso os aspectos quantitativos e qualitativos da economia do lazer noturno, nestas cidades, o que inclui as cidades que pesquisamos.

Bauru nos anos de 1980, já apresenta um centro comercial e de serviços com uma hinterlândia regional consolidada (CONTEL, 2001). E nos anos de 1990, há forte impulso no setor imobiliário e terciário destas cidades, decorrente da explosão de jovens universitários nas duas cidades. Marília conta neste período, com duas universidades, uma faculdade de medicina, assim como o hospital universitário. Em Bauru são três universidades, duas estaduais e uma privada que atraem estudantes da capital do Estado, como de outras cidades do país. Este aumento de oferta de cursos universitários, se reflete no grande fluxo de estudantes de várias cidades do interior de São Paulo, como também de outros estados.

Em especial a força deste fluxo migratório em Marília gera a necessidade de abrigar milhares de estudantes, o que implicará na verticalização habitacional da zona oeste. Esse processo age na expansão do tecido urbano, a indústria do lazer cresce na cidade, visando atender uma demanda crescente de jovens que buscam a diversão noturna. O que resulta no surgimento de bares, casas de show, eventos e festas que enriquecem a área central e a porção oeste da cidade. Essa porção da cidade passa a ter uma vida diurna ligada as funções estudantis e à noite uma efervescente vida noturna, onde jovens universitários tem seus *points*, próximos de espaços onde também se reúnem jovens da periferia, atividades de lazer que geralmente já começam no meio da semana.

Os núcleos da Avenida Rio Branco e da Avenida das Esmeraldas ganham maiores aglomerações de jovens que vêm das áreas periféricas, da área central e agora contam com a presença dos universitários. Outros núcleos de lazer noturno que se separam do centro tradicional também passam a ter forte fluxo de jovens

universitários, muitos deles fortalecendo também, por exemplo, o núcleo de lazer noturno em torno do Bar Chaplin, no centro-leste da cidade. Formam-se um grande público para grandes shows de música na cidade, e reacendem a demanda para festas com rodeios, apresentações de cantores sertanejo e forró.

Em Bauru nos anos de 1990, a expansão do lazer noturno continua seguindo em direção à Zona Sul (figura 2) e em Marília os estabelecimentos de lazer noturno se espalham por eixos que cruzam a Avenida Sampaio Vidal e vão em direção à Zona Sul e Leste da cidade (figura 3), dinâmicas que ainda ocorrem atualmente. Todas estas mudanças se associam com segmentos e formas de sociabilidade juvenil cada vez mais plurais, e que vão fomentar a vida noturna nos diversos núcleos de lazer noturno. Há por assim dizer, uma geografia da noite multifacetada e com maiores fluxos que as décadas anteriores, mais trânsito (automóveis, motocicletas e transporte coletivo), mais pessoas, mais demandas de segurança pública, e sobretudo, um circuito comercial e consumista mais pujante.

Este descolamento da economia do lazer noturno do centro tradicional destas cidades, não significa seu fim, visto que ainda persistiram atividades de lazer e diversão na noite do centro, porém, com menor badalação, e mais direcionada aos cidadãos de baixa renda e onde há ainda a presença de jovens da periferia.

Outro aspecto marcante, tanto em Bauru, como em Marília, é que os diferentes núcleos de lazer nestas áreas de expansão da economia noturna ganham *status* de especialização, oferecem uma gama mais ampla de opções de temas e serviços diferenciados, o que se conjuga, com a ampliação da segmentação do público consumidor, são postos de combustíveis com serviços de conveniência, *fast food* e bares com diferentes perfis temáticos e que estendem suas atividades até às altas horas da noite. Por exemplo, em Marília, em torno do bar Chaplin, vai se formando um núcleo de lazer constituídos de “barzinhos ” e uma cena mais underground. Na Avenida Rio Branco, persistem restaurantes e pizzarias para um perfil de frequentadores que vão de jovens universitários a jovens de classe média e alta. O mesmo acontece com a Avenida Sampaio Vidal que no seu prolongamento em direção à Zona Sul, vão se situar boates com ambientes internos espelhados nos grandes centros urbanos.

Um aspecto importante, é que com as festas de repúblicas e universitárias houve uma das mais fortes discontinuidades em termos de comportamento de consumo noturno, em relação a outras décadas, que foi o massivo consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens. Em geral nestas festas ocorrem um consumo aberto de bebidas alcoólicas e energéticos que costumam durar todo o dia e atravessar as madrugadas. Outros espaços também surgiram na noite, sobretudo para os jovens motorizados, como os estabelecimentos de conveniência em postos de combustíveis, cujo pátio de estacionamento ofertado para o consumo, ampliaram a possibilidade de conjugar lazer e poucos gastos na noite, transformando-se em *points* para os jovens. Nestas festas e postos de combustíveis, o consumo etílico, é um fator central nas interações juvenis.

Em Bauru, novamente, encontramos similaridade destes processos de dispersão de núcleos de lazer como em Marília. Primeiro, a Avenida Nações Unidas que reforça seu *status* de núcleo de diversão noturna, com a implantação do primeiro Shopping Center da cidade, no começo dos anos de 1990. Na verdade, o próprio Shopping produzirá sua centralidade, atraindo consumidores não apenas da cidade, como da região, suas salas de cinema vão concorrer e drenar consumidores que até então ainda frequentavam salas de cinema no centro tradicional. Até a primeira metade dos anos 2000, ainda sobrevive as últimas salas de cinema do centro tradicional. Outro eixo de lazer noturno, se estruturou ao longo da Avenida Duque de Caxias, importante artéria que liga a Zona Leste e Oeste, com alta concentração de jovens e com massivo consumo de bebidas alcoólicas, atraindo tanto público de estratos mais altos de renda, como jovens da periferia pobre.

Em 1990, o processo de expansão da economia do lazer noturno vai em direção quase absoluta para à Zona Sul da cidade, nessa região, ganha contornos o que viria ser o principal eixo de lazer de Bauru na atualidade, que é a avenida Getúlio Vargas, um eixo que começou na Praça Portugal foi se prolongando pela avenida, até a extremidade da Zona Sul. Esse eixo surgiu a reboque dos fortes investimentos imobiliários e públicos, e também da ocupação habitacional crescente, desde os anos de 1970, de um estrato social de maior poder aquisitivo da cidade. Em 1990, instala-se nesta avenida uma cervejaria, que passa a trazer shows internacionais, incluindo a cidade, temporariamente, no circuito de entretenimento dos grandes centros urbanos. Porém, o avanço terciário e a cristalização da diversão noturna neste eixo não ocorreram sem fricções e conflitos, como por exemplo, a disputa territorial com moradores antigos, que defendiam a manutenção da área como puramente residencial.

Enquanto se configurava a centralidade de lazer noturno da Avenida Getúlio Vargas em Bauru, também em Marília, na mesma época e num processo similar, a zona leste passava a absorver investimentos imobiliários e a implantação de novas superfícies comerciais. Deve-se deixar claro que o processo de formação de núcleos de lazer em Marília na zona leste e em Bauru em direção à zona sul não surge de forma totalmente espontânea, mas acompanha o próprio ritmo de expansão do tecido urbano, sobretudo através dos investimentos do setor imobiliário e dos agentes econômicos internos da própria cidade que direcionam investimentos para espaços, com forte potencialidade de capitalização.

Merece atenção neste caso, na zona Leste em Marília, a Avenida das Esmeraldas que até início dos anos de 1980 era quase um vazio urbano, em termos de habitação, porém, na segunda metade dos anos de 1980, passou a receber empreendimentos ligados a construção de moradias de alto padrão, em formato de condomínios fechados e o surgimento de um comércio voltado aos consumidores de maior faixa de renda. Esta porção da cidade se transformou numa área de forte convergência de consumidores e usuários do espaço público, uma centralidade que ganhou mais força com a implantação do primeiro shopping center da cidade, o

“Esmeralda Shopping”, nos anos de 1990. E nos anos 2000, passou a ser a ter uma alta concentração de jovens na noite, e tornando-se o espaço de maior densidade juvenil nas noites na cidade.

Estes novos núcleos e eixos de lazer noturno, também se tornam multifuncionais, em Bauru, a Avenida das Nações já demonstrava essa dinâmica, desde os anos de 1980, agora é a Avenida Getúlio Vargas que apresenta uma vida noturna mais intensa. Composta de botequins, bares, pubs, alternando atividades de lazer durante o dia a noite. Como espaço de passeio para pedestres durante a semana e também nos fins de semana e na noite, com uma vida noturna intensa e badalada.

Atualmente, o que se tem verificado é a contínua expansão da economia do lazer noturno nestas duas cidades, alguns núcleos de lazer parecem perder força em Marília, como é o caso da Avenida Rio Branco, que teve seu ponto alto nos anos de 1980. Por outro lado, núcleos antigos, como do Bar Chaplin, vêm renovando sua centralidade de lazer noturno, a partir de novos estabelecimentos, que vão se fixando neste núcleo. Em Bauru, a feição do lazer noturno parece mais complexa, pois há instalação de casas noturnas de múltiplos espaços internos e filiadas a redes de *clubs* internacionais.

Outra dinâmica presente nestas cidades é abertura de novas casas noturnas em espaços fora do perímetro urbano, iniciando um processo que parece uma “periferização do lazer noturno”. Essa iniciativa em Bauru já se tinha iniciado com a superfície de lazer do Alamenda Quality Center, uma grande área que justapõe salas de cinema, restaurantes, fast-food e posto de combustível, funcionado durante o dia e na noite, ao longo da rodovia estadual Marechal Rondon, instalada além do limite da Zona Sul da cidade. No entorno, já surgem restaurantes e uma ampla casa noturna especializada no público GLS.

Outro ponto é que as casas noturnas já não apresentam um único cenário temático, as vezes alternam festas e atrações conforme o público que querem atingir. Já notamos casas noturnas nas duas cidades que, durante a semana, criam atrações para o público universitário e, durante o fim de semana, voltam-se para o público jovem da periferia. Ao mesmo tempo, há constante alteração dos nomes e modificações internas destas casas noturnas. Ou seja, as geografias do lazer noturno nestas cidades refletem a dupla face desta modernidade, que é articulação da inovação e a obsolescência. São casas noturnas e bares que mudam e se repaginam constantemente. A diferença entre o comércio no período do dia, com a geografia da noite em termos de lazer é que não só se comercializa produtos e serviços, mas também espetáculos e o próprio espaço que torna objeto de consumo.

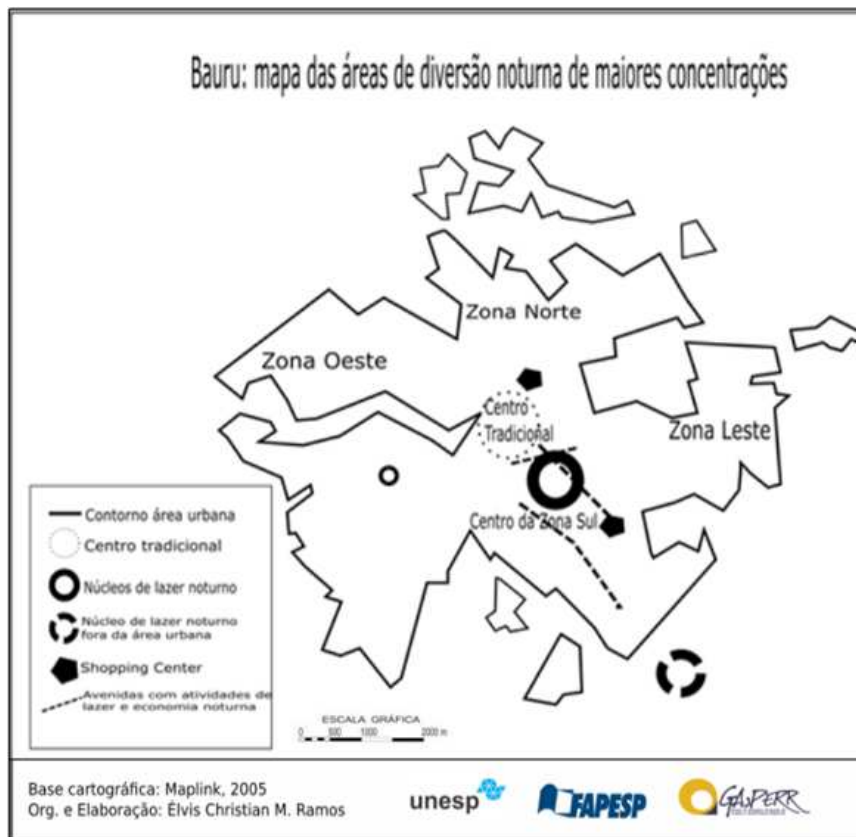


Figura 2: Arranjo espacial da economia do lazer noturno de Bauru



Figura 3 – Arranjo espacial da economia do lazer noturno de Marília

Considerações finais

Em termos da conjuntura das cidades médias, estudos de Sposito (2001) tem identificado que processos interescalares tiveram seu ponto de inflexão na década de 1970, na conjuntura socioespacial que se sucedeu no território brasileiro com reflexos na rede urbana, houve desde aumento demográfico nas áreas urbanas, movimentos populacionais campo-cidade, como expansão do agronegócio, todos estes fatores, foram intervenientes na diversificação terciária e na dispersão urbana nestas cidades.

No caso da economia do lazer noturno, como podemos ver, particularmente seu ponto de inflexão nestas cidades médias, foi mais tardio, e a reboque daqueles fatores destacados por Spósito (2001). São transformações e investimentos nestes núcleos de lazer noturno, que incrementaram o conteúdo cultural e econômico destes espaços, ligando-se a uma globalidade, cujas formas e conteúdos passaram a se conectar com as tendências culturais e estéticas dos grandes centros e metrópoles.

São novos núcleos de lazer, incluindo os shopping centers, nestas cidades que se globalizam no estilos e produtos oferecidos. São franquias de marcas globais, produtos e novidades com apelo global, que se soma a um certo cosmopolitismo. As

casas noturnas, bares e espetáculos também se inserem nessa atmosfera cosmopolita, sintonizados aos novos cenários, músicas, estilos que emergem como novidades em centros difusores de tendências estéticas. Além dos jovens e consumidores adultos que aderem a este consumo para também se identificar ao espírito de uma modernidade, no sentido de consumir estes produtos, serviços e microespaços de lazer. Desse modo, o local se desencaixa, na medida que a experiência do moderno, encontra-se no local, mas cujas referências estão em outros centros.

Também, identifica-se um processo de coalescência, onde estes núcleos de lazer ao mesmo tempo que se tornam superfícies luminosas em termos de fluxo e consumo, vão atraindo e chamando atenção para mais investimentos e ampliando suas funções. Estas mudanças apontam uma economia da noite com um papel mais significativo no desenvolvimento destas cidades. O arranjo espacial do lazer noturno destas cidades, torna-se polinucleado, com conexões comerciais e culturais cada vez mais globalizadas. O que também se coaduna com um plano mais rico de sociabilidades e territorialidades juvenis, que desde o final dos anos de 1990, irrompeu com uma diversidade de culturas juvenis e grupos que passaram a coexistir na noite, tanto jovens de classe média, como da periferia, embora estes últimos não tenham os mesmos direitos e acessos de lazer.

Todos estes elementos e alterações na feição da economia do lazer noturno nestas cidades, parecem corroborar no papel regional que estas cidades adquirem não apenas no âmbito de suas funções comerciais e administrativas, como também do entretenimento. Pois, a recontextualização da vida noturna, com mais fluxo e fixos, atração de capitais e ao mesmo tempo mais opções de lazer na noite, em relação ao consumo de produtos e serviços ligados a indústria do lazer, tal como tentamos demonstrar, se insere no conjunto de suas reestruturações na escala intraurbana e também interurbana. Já que tanto se beneficiam em termos de investimentos, como complementam estas relações em termos de produtos, atrações artísticas e espaços de consumo que atraem fluxo de outras cidades.

Referências

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CONTEL, F.B. **Finanças municipais e território: horizontalidades e verticalidades no município de Bauru (SP)**. São Paulo: USP, 2001, 254 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de Geografia, 2001.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: _____ **La cultura de la noche: La vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Buenos Aires: Ed. Biblos, 1997.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 6 ed. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1984

SHAW, R. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. **Geography compass**, v.4, p. 893–903, Jul. 2010.